

As divas Edith Piaf e Elis unidas pela dança flamenca

PÁGINA 2



Amaro Freitas e a ancestralidade indígena em 'Y'Y'

PÁGINA 3

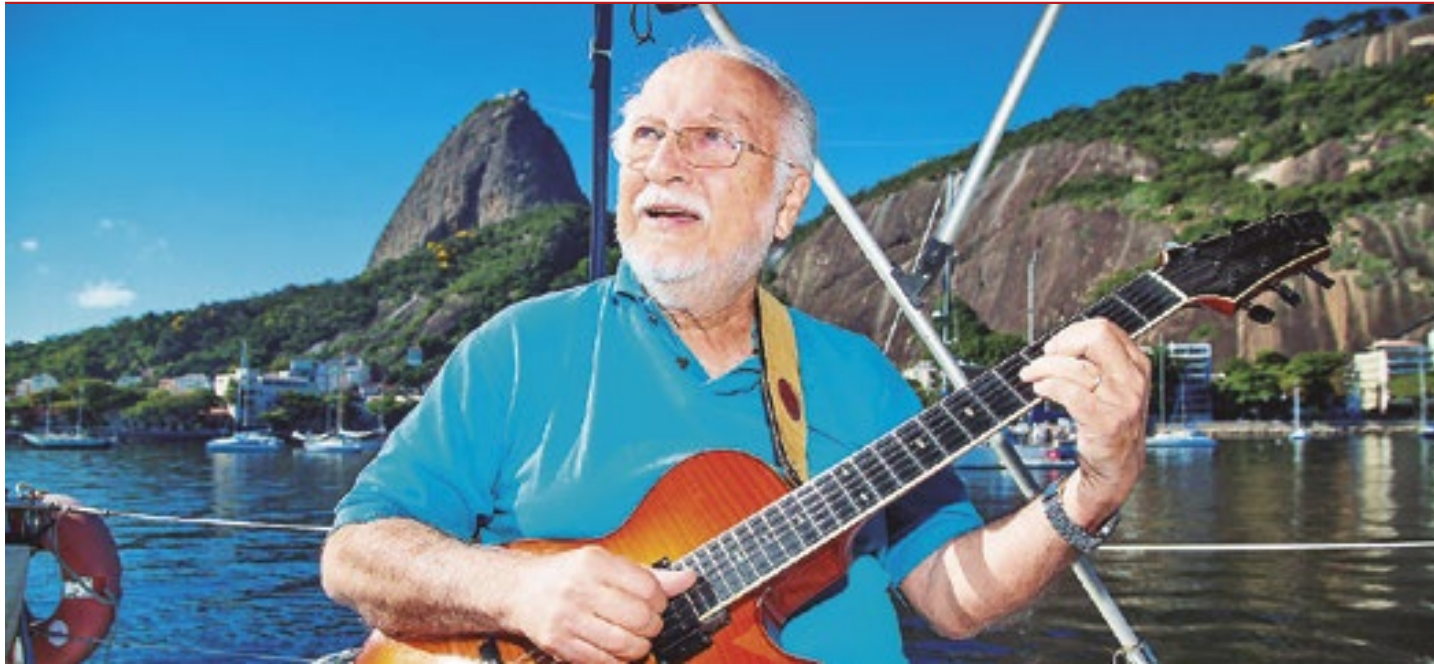


Sangsoo fala de sua estética cinematográfica

PÁGINA 5



2º CADERNO



Divulgação

Amante do mar e da natureza, Menescal sempre buscou inspiração na beleza da Cidade Maravilhosa

A Bossa e sua maior musa

Na véspera do aniversário do Rio, Roberto Menescal resgata a magia musical da cidade em show com cantoras convidadas

O Rio é a cidade mais musical do Brasil, quíçã do mundo, e em seu aniversário de 459 anos será celebrado com um gênero genuinamente carioca e que encantou (e encanta) todo o planeta. Em “Isto É Bossa Nova”, Roberto Menescal e suas convidadas festejam nesta quinta-feira (29) na Cidade das Artes o Rio e os 65 da Bossa Nova. Um dos pais do gênero, Menescal recebe Cris De-

lanno e Liah Soares.

“Bossa Nova e Rio de Janeiro são impossíveis de separar”, garante Menescal. “Grande parte das músicas desse show vai abordar a cidade”. O músico tem parceria de quase 30 anos com Cris Delanno: gravaram discos, DVDs, viajaram juntos pelo Brasil e exterior. “É uma cantora que amo. Tenho confiança total em qualquer das suas interpretações”, afirma Menesca, um acervo vivo de boas histórias da música brasileira.

Já Liah Soares é uma descoberta recente

de Menescal, que, generoso, sempre abriu caminhos para novos artistas. “Conheci a Liah ano passado, produzi seu álbum em homenagem a Roberto Carlos. Ela é uma das melhores cantoras para trabalhar em estúdio de gravação.” Menescal revela que a dupla ainda não se apresentou ao vivo. “E essa será a primeira de muitas outras vezes”, promete o veterano músico.

“É uma honra e imensa alegria estar num show onde celebramos o aniversário da cidade que escolhi pra viver e que me acolheu há

mais de 17 anos,” diz a paraense Liah. “Celebrar a Bossa Nova, estilo musical que se mistura com a história da música brasileira e ainda estar ao lado de um dos seus pais, meu amigo e mestre que recentemente produziu meu álbum. O Rio é a cidade que me resgatou para aquilo que sempre foi a minha vida, cantar. Descobri a poesia que mora aqui e estou muito feliz de fazer parte dessa grande festa”, completa a cantora.

“Cantar com o Menescal é sempre maravilhoso! É certeza de que a música vai ser linda e com muito alto astral!”, emprega-se Cris Delanno.

E no dia seguinte ao show, o dia do aniversário da Cidade Maravilhosa, Menescal participará de

um bate-papo aberto ao público e gratuito, na Sala de Leitura da Cidade das Artes.

O mestre vai falar sobre como o movimento começou no final da década de 1950, a importância da cidade como inspiração das composições, e revelar algumas histórias ainda não conhecidas pelo público. “Quero contar como compus os meus clássicos e até hoje componho novas músicas inspiradas na Cidade Maravilhosa, e falar um pouco sobre o sucesso da Bossa no exterior e a imagem do Rio que as composições levam para todos os cantos do mundo”, avisa Menescal.

SERVIÇO

ISTO É BOSSA NOVA - ROBERTO MENESCAL E CONVIDADAS

Teatro de Câmara da Cidade das Artes (Av. das Américas, 5.300 – Barra da Tijuca) | 29/2, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 10 (meia)

BATE-PAPO COM ROBERTO MENESCAL

Sala de Leitura da Cidade das Artes (Av. das Américas, 5.300 – Barra da Tijuca) | 1/3, às 15h
Evento gratuito. Recomenda-se chegar uma hora antes do horário marcado

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Aguinaldo Silva está fora da Globo desde 2018

Globo desiste de produzir novela inédita de Aginaldo Silva

A Globo engavetou uma sinopse inédita deixada pelo autor Aginaldo Silva antes de o novelista deixar a emissora, no início de 2020. A trama era avaliada para o horário das nove.

A história tinha o nome provisório de “Três Graças”. A produção tinha o objetivo de contar a história de uma família que mora em um

bairro pobre do Rio de Janeiro, e é formada por avó, mãe e neta. As três tinham uma realidade dura em comum: todas engravidaram na adolescência e tiveram que criar os filhos sozinhas.

O projeto era até elogiado, considerado “atual” na realidade brasileira. No entanto, a produção do folhetim foi descartada.

Ameaçado

O diretor israelense Yuval Abraham, que venceu um dos principais prêmios do último Festival de Berlim, afirma que recebeu ameaças de morte após políticos da direita alemã criticarem a premiação do evento como antissemita.

Ameaçado II

Abraham recebeu o prêmio de melhor documentário das mãos do júri pelo longa “No Other Land”, que registra a erradicação de vilas palestinas por tropas israelenses. O projeto é codirigido por Hamdan Ballal, Basel Adra e Rachel Szor.

Desfalque

O Sepultura perdeu seu baterista a três dias do início da turnê de despedida da banda. O grupo confirmou a saída de Eloy Casagrande, que será substituído pelo americano Greyson Nekrutman no giro que começa nesta sexta em Belo Horizonte.

Sonho antigo

Com o objetivo de trazer novidades para sua atração no SBT, Ratinho vai realizar um antigo sonho: retomar com o quadro Porta da Esperança, que foi sucesso nos anos 1980 e 1990 no comando de Silvio Santos. O quadro terá um outro nome.

Lucas Loureiro/Divulgação



A dançarina Tatiana Bittencourt em cena

Piaf, Elis & música flamenca

Espetáculo-filme transporta canções das divas francesa e brasileira para o universo intenso e quente do ritmo espanhol

Elis Regina e Edith Piaf são duas vezes marcantes do século 20. Em apresentação na sala Mário Tavares, do Thetro Municipal, às 13h e 18h desta quinta-feira (29), o espetáculo-filme “De Piaf a Elis: música e dança flamenca” atravessa fronteiras culturais, unindo os universos da música brasileira e francesa por meio das inigualáveis interpretações das duas cantoras.

Sob a idealização de Luciano Câmara, Renata Chauvière e da bailarina franco-israelense Sharon Sultan, esta produção é um convite desafiador para explorar as paixões nacionais e os ícones que simbolizam nações e povos. O filme, além de explorar caminhos sensoriais,

mergulha em abordagens híbridas, incorporando o movimento com a força da música e da dança flamenca. Ciça Salles, Andressa Abrantes e Tatiana Bittencourt, artistas solistas brasileiras com experiência internacional, revelam a complexidade artística do espetáculo de modo peculiar.

Com direção de Elissandro de Aquino, a montagem teve sua estreia marcante em 2017, no Teatro Maison de France e na Sala Municipal Baden Powell com lotação esgotada. Devido ao grande sucesso, foi programada uma nova edição, porém precisou ser readequada por conta da pandemia. Assim, saiu do palco do teatro e foi criada uma linguagem para o cinema. Agora,

o média-metragem chega à tela grande.

Aquino destaca a dificuldade daquele período. “Entramos em estúdio com todas as precauções e seguranças de um período em que se relacionar poderia ser nocivo. Havia um misto de emoção: uma alegria, uma esperança de um retorno, mas ao mesmo tempo, medo. O que, de alguma forma está impresso no filme. Produção e direção partiram para reuniões virtuais e formataram o projeto. O primeiro encontro, com a equipe do Brasil, se deu no estúdio onde foi feito o registro para o cinema. A parte coreografada foi filmada no ateliê do cenógrafo e artista plástico Sergio Marimba, no Rio Comprido, no Rio. O espaço se tornou uma instalação para as performances das bailarinas que dançam as músicas: ‘Fascinação’, ‘La Vie en Rose’, ‘Me Deixas Louca’, ‘Ne me quitte pas’, ‘Atrás da Porta’, ‘L’acordeoniste’, ‘Dois pra Lá Dois pra Cá’, ‘Hymn a l’amour’, ‘Non, Je ne Regrette Rien’ entre outras, e ganham versões inéditas ao assumir peculiaridades do flamenco.

“O flamenco abarca em seu canto, toque e dança tanto a alegria quanto o desespero, tanto a agressividade quanto a suavidade, tanto o amor quanto a solidão. Temas igualmente presentes nas canções de Edith e de Elis. Uma novidade foi a inclusão da música “Onze Fitas”, de Fátima Guedes, em diálogo com “Menino”, de Ronaldo Bastos e Milton Nascimento. Esse encontro incomum e inusitado abre brechas para explorar caminhos sensoriais, visitar a pátria num projeto híbrido composto por pintura em cena aberta, cordas, acordeon, vozes, percussão, além de castanholas e sapateado flamenco”, ressalta o diretor musical, Luciano Câmara.

SERVIÇO

DE PIAF A ELIS: MÚSICA E DANÇA FLAMENCA NO CINEMA

Sala Mário Tavares – anexo do Theatro Municipal (Av. Alm. Barroso, 14/16 - Centro)
29/2, às 13h e às 18h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Com participações de nomes expressivos da nova cena jazzística global, o pianista Amaro Freitas mergulha na ancestralidade indígena em 'Y'Y', seu mais novo trabalho solo



Resgatar memórias além da colonização

O que move Amaro Freitas na vida é a experiência. Em 2020, o pianista, morador de Recife, foi atraído para Manaus, na bacia amazônica. Sua experiência naquela natureza exuberante o levou a um novo estágio de criação musical, enraizado na magia do encantamento e temperado pela admiração das riquezas da terra a partir da conexão com a comunidade indígena Sateré Mawé.

Nesse álbum “Y’Y” (pronuncia-se IêIê) – que será lançado nesta sexta-feira (1) pelo selo americano Psychic Hotline e que o Correio da Manhã ouviu em primeira mão – Amaro faz uma “homenagem à floresta, especialmente à Floresta Amazônica e aos rios do Norte do Brasil: um chamado para viver, sentir, respeitar e cuidar da natureza, reconhecendo-a como nosso ancestral. É também um alerta sobre a necessidade de termos consciência do impacto que causamos, com base nos conceitos de civilização e modernidade que nos afastam desta ligação e da sua importância para o equilíbrio da vida no planeta”.

Amaro teve uma troca muito sincera

com a comunidade Sateré Mawé, trazendo a preocupação de não se apropriar e sim de compartilhar a visão sensível e íntima que os povos originários têm com a natureza. Dessa forma, compreenderam juntos que homenagear as lendas amazônicas, além de trazer uma percepção poética para o rio e a mata, também reforça a importância da manutenção e do conhecimento sobre a nossa própria história.

Embora construir um álbum em torno de uma experiência tão distante de sua casa em Recife possa parecer estranho, na verdade o trabalho está fundamentalmente ligado à sua discografia anterior. “Tentar resgatar coisas que vieram antes da colonização”, observa ele, frisando ser este um tema presente em sua obra há anos. Amaro explica que simplesmente olhando para os títulos dos seus três últimos projetos “você tem Rasif (grafia em árabe do nome da sua cidade natal)... você tem Sankofa (um termo ganense que significa olhar para trás, entender sua própria história, enquanto continua avançando para o futuro) e agora “Y’Y” (palavra do dialeto Sateré Mawé, código ancestral indígena que significa água ou rio): são temas que não são falados em português ou inglês

Divulgação



Amaro Freitas, álbum ‘Y’Y’

e, de certa forma, fazem parte da construção deste conceito social mais conectado. Não é de admirar que ele tenha escolhido entrelaçar o conhecimento ancestral neste projeto de uma forma tão significativa.

Enquanto o Lado A de “Y’Y” serve como uma expressão de ligação à terra e aos antepassados, o Lado B do projeto serve também como prova de ligações entre a comunidade global de vanguarda negra do jazz, que faz participação no disco. O flautista Shabaka Hutchings, com quem desenvolveu rara sintonia durante as sessões de

estúdio (“Cara, parece que tocamos juntos há muito tempo”, disse Amaro ao músico), vem da rica cena musical londrina; o harpista Brandee Younger vem da lendária cena jazzística de Nova York, o baixista Aniel Someillan é descendente de cubanos; enquanto o guitarrista Jeff Parker e o baterista Hamid Drake vêm das profundezas do jazz de vanguarda em Chicago.

Este álbum é uma conversa artística entre essas tradições, enraizada nos sons e rituais únicos encontrados nas culturas afro-brasileiras e indígenas. Com “Y’Y” Amaro codifica ainda mais a sua interpretação fresca e “descolonizada” do jazz brasileiro, destruindo noções preconcebidas sobre o que o jazz pode ser. “Estamos aqui porque somos o sonho dos nossos antepassados, somos nós que damos continuidade, o elo presente entre o passado e o futuro”, observa Amaro.

A produção musical do álbum “Y’Y” foi orquestrada pelo próprio Amaro Freitas com Laércio Costa e Vinicius Aquino. Mixado pelo mesmo Vinicius Aquino e masterizado por Kevin Reeves e sucede os álbuns “Sangue Negro” (2016), “Rasif” (2018) e “Sankofa” (2021) na irretocável discografia de Amaro Freitas.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

racundo diante da conquista da Palma de Ouro de 2010 por Apichatpong Weerasethakul e seu “Tio Boonmee, Que Pode Recordar Suas Vidas Passadas”, o jornalista Michel Ciment ensaiou uma boca de urna tardia, na porta do Palais des Festivals de Cannes, para que seus colegas da imprensa fossem às salas de exibição assistir a seu filme favorito da competição daquele ano: “A Princesa de Montpensier”, de Bertrand Tavernier (1941-2021). Agiu igualzinho na Berlinale 2017, depois de ver “Return to Montauk”, de seu amigo alemão Volker Schlöndorff.

Partidário da ideia expressa no título de um clássico de Bud Spencer e Terence Hill – “Quem Encontra Um Amigo Encontra um Tesouro” -, Ciment vibrou ao saber que o moçambicano Ruy Guerra havia finalizado “Quase Memória” e ao ouvir o nome do alagoano Cacá Diegues entre as atrações da Croisette de 2018, onde estreou seu “O Grande Circo Místico”. Ciment, que viveu de 1938 até 13 de novembro do ano passado, era só coração... no tanto de cérebro que dedicou a resenhar filmes, de 1963 até serenar, em 2023, aos 85 anos. Não é por acaso que a mostra Melhores do Ano, organizada pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) vai dedicar uma homenagem a ele ao longo de suas atividades.

O evento se bifurca. Parte dele rola de 7 a 13 de março, no Estação Net Rio, com entrada a R\$ 15. A outra parte acontece de 12 a 17 de março no Ponto Cine, em Guadalupe, com entrada gratuita, e direito a oficina com o cineasta e crítico Mario Abbade. Toda a programação está em <https://www.blgentretenimento.com.br/>. O site oficial da ACCRJ - que comemora 40 anos de devoção à arte de narrar com imagens em movimento - traz textos sobre artistas e vozes teóricas que homenageia nesta edição de sua retrospectiva analítica anual. Seu rol de tributos póstumos se estende ao ator e diretor teatral



Divulgação

Agnès Varda (1928-2019) e o americano Tim Burton. Parte desses perfis foram compilados pelo próprio Ciment em “Positif 50 years: Selections from the French film journal”, lançado pela editora do The Museum of Modern Art, em 2002. Aliás, ele lançou livros sem parar nas últimas cinco décadas, a partir de 1973, ano de lançamento de seu primeiro sucesso nas livrarias: “Kazan par Kazan”.

Graças à paixão pelo diretor de “Sindicato de Ladrões” (1954) e por George Stevens (de “Assim Caminha a Humanidade”), ele puxou papo com Terrence Malick, quando “Terra de Ninguém” foi finalizado, em 1973. Malick era fã de ambos. Ao conversar com ele, Ciment tornou-se o primeiro e único jornalista a entrevistar esse recluso diretor de “Além da Linha Vermelha” (Urso de Ouro de 1999), que se recusou a falar em público até 2017, quando ministrou uma masterclass no Texas. A arte de entrevistar sempre foi o forte de Ciment, vide o livro “Passeport pour Hollywood: Entretiens Avec Wilder, Huston, Mankiewicz, Polanski, Forman & Wenders”, de 1992.

Respeitado por sua gramática primaveril e pela memória prodigiosa, tinha opiniões ferinas. Embirrava com a escolha de Sean Penn como presidente do júri de Cannes de 2008, dizendo: “Os filmes que esse cara dirigiu são péssimos”. Contestava com ardor a presença do cult lusitano “Juventude em Marcha”, de Pedro Costa, na briga pela Palma de Ouro de 2006. Era bem implicante com a figura (e os filmes) do diretor Jim Jarmusch, de “Daunbailó” (1986). Dava sensos controversos, como dizer que considerava “Gomorra” (2008), de Matteo Garrone, melhor do que “Z” (1969), de Costa-Gavras. No entanto, provocações à parte, respeitava a magia que um bom filme gera ao ser projetado na telona. Foi muito respeitado pelo amor que tinha pela dimensão analgésica do discurso cinematográfico.

Teria ficado orgulhoso ao saber que a ACCRJ elegeu “Assassinos da Lua das Flores”, de seu querido Martin Scorsese, como Melhor Filme de 2023.

O crítico francês, editor da Positif, em cena do documentário ‘Michel Ciment, le Cinéma en Partage’

O crítico incriticável

Mostra anual da ACCRJ presta tributo póstumo ao jornalista Michel Ciment, o Midas da arte de escrever resenhas de filmes e de pensar o papel político (e poético) do audiovisual

José Celso Martinez Corrêa; ao compositor Burt Bacharach; e à atriz Léa Garcia. O coletivo carioca vai ainda coroar o documentário “Nelson Pereira dos Santos – Vida de Cinema”, de Ivelise Ferreira e Aída Marquez, com o diploma de Melhor Iniciativa Cinematográfica de 2023.

O legado de Ciment entra nesse pacote. Em seu obituário, Cannes referiu-se a ele como “um espírito livre de insaciável curiosidade, incorporando o conceito de cinefilia”. Seus escritos eram arejados pelo amor pela telona, num respeito seminal por Hollywood, que vinha desde 1944, quando ele (filho do alfaiate judeu húngaro Alexander Cziment) testemunhou as ações das tropas estadunidenses para livrar a França da ocupação nazista.

O impacto do episódio fez com que ele se interessasse pelo ethos da cultura americana e fizesse dos

filmes egressos de lá objetos das críticas que escreveu para alguns dos veículos de imprensa de maior prestígio da Europa. A “Positif”, revista fundada em 1952 e celebrizada como concorrente direta da “Cahiers du Cinéma” (a Bíblia do audiovisual), foi a plataforma mais prolífica de suas ideias. Começou a escrever lá em 1963. Três anos depois, em decorrência do sucesso de um artigo seu sobre Orson Welles (1915-1985), virou editor do periódico, sem nunca deixar o posto.

“Vale a pena você assinar a gente, até porque, na assinatura, ganha de brinde um DVD”, dizia ele, todo orgulhoso, a vender seu peixe.

Com carinho paterno, cuidou da edição da revista até a pandemia, sempre exercitando seu interesse em perfilar cineastas com potência para criar uma obra própria e almejar um status de maestria, como o italiano Nanni Moretti, a belga

'O que vocês viram no meu filme?'

Jens Koch/Divulgação Berlinale

Acusado de se repetir, em sua produção prolífica, o mestre sul-coreano Hong Sangsoo interpela o júri da Berlinale ao ser premiado com 'A Traveler's Need'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Aos receber o Grande Prêmio do Júri do Festival de Berlim de 2024, no sábado, o sul-coreano Hong Sangsoo voltou-se para o time de juradas e jurados presidido pela atriz Lupita Nyong'o e perguntou: "O que vocês viram no meu filme?". O cineasta de 63 anos, considerado hoje o mais prolífico realizador em atividade no planeta, com uma média de dois longas-metragens ao ano, não foi o único a levantar essa questão. "A Traveler's Needs", um dos 20 concorrentes do evento, não é o tipo de narrativa capaz de agradar com unanimidade.

Nada dele é. Mas é surpreendente a habilidade que Sangsoo (por vezes, seu nome é grafado Sang-soo ou Sang-Soo) tem criar, e não só na direção. Ele filma, escreve, fotografa, edita, compõe a trilha sonora e produz. Sua Jeonwonsa Film Co. Production consegue dar conta de sua estética enxuta.

"Filmo situações do dia a dia que são simples. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som. Com isso, o orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também", disse Sangsoo ao Correio da Manhã antes das filmagens de "A Traveler's Needs", ao lançar "Lá Em Cima" ("Walk Up"), no Festival de San Sebastián na Espanha.



Sangsoo: 'Nem tudo o que aparece em cena precisa de explicação'

"Nem tudo o que aparece em cena precisa de uma explicação ou de uma conexão direta com a narrativa. Eu posso ser capturado pela imagem de um gato correndo, registrá-la e supor que faz sentido estético tê-la na edição de uma história que é absolutamente alheia àquele animal. Ele está ali só por fazer parte do mundo, por ter me oferecido um momento que, filmado, gera um sentido artístico".

No dia em que lançou "A Traveler's Needs" na Berlinale, sua protagonista, Isabelle Huppert, deu uma definição curiosa para o modo como ele trabalha. "Hong não

trabalha com roteiro, nem com enredo definido. A gente vai criando no processo, em tramas bem-humoradas, mas carregadas de uma certa melancolia", disse a diva europeia, que trabalhou com ele antes em "A Câmara de Claire" (2017) e "A Visitante Francesa" (2012). "Neste novo encontro nosso, eu até levei a roupa da personagem. O problema foi ter que tomar o Makgeolli, uma bebida típica com aspecto de leite, doce, mas... forte. Eu não bebo... quer dizer, só bem pouco".

A fala de Huppert se refere a um ritual básico da obra de Sangsoo: seus personagens

comem, bebem, fumam e falam... sem parar. Quase sempre tomam Soju, a Caninha da Roça da Coreia. Mas em "A Traveler's Needs", Iris, a personagem central, entorna esse tal vinho de arroz que se chama Makgeolli, gerado por meio de um processo de fermentação com uma taxa de álcool de cerca de 7%. Para entendedores (ou aqueles que estão habitados a beber): um copo parece inofensivo, mas... na segunda dose, derruba.

Em geral, os porres filmados pelo cineasta são em P&B, pois ele é um mestre do preto e branco. Nesse longa mais recente, a cor é onipresente.

"A alternância do preto e branco com imagens coloridas na minha filmografia não vem de uma tese racional. Nada do que faço vem. É mais uma reminiscência, o resquício de algo que me pede uma reação fílmica em P&B", disse Sangsoo ao Correio. "Cresci vendo clássicos do cinema. Eles eram sempre em preto e branco. Filmar assim evoca esse passado da minha relação com o cinema, por uma questão de afeto e não por um gesto esnobe, pra incorrer no dito 'filme de arte'. É uma escolha emotiva, que deve ser bem cuidada para não se estilizar".

A ideia de que ele tenha se estilizado tanto a ponto de se repetir chegou a ser comentada pelo curador da edição n°74 da Berlinale, o crítico Carlo Chatrion, ao anunciar o seu nome quando divulgou a programação: "Dizer que Sangsoo se repete e faz sempre o mesmo filme é não perceber sua grandeza". Fora a forma pouco usual de trabalhar como o colorido (uma vez que sua fotografia parece lavada, sem tons nas cores quentes), "A Traveler's Needs" reitera uma série de dispositivos do cineasta para explorar a psique de Iris, a professora de Francês vivida por Isabelle. A cada encontro com suas amigas coreanas, ela sai derrubada das bicadas que dá no Makgeolli. Fica alegre, fala mais do que deve e põe-se a acariciar amigos que estão acompanhados por figuras femininas. Iris só não perde a medida da sua limitação financeira. Ao voltar para casa com metade do dinheiro do aluguer, fica toda pimpona, a celebrar o seu feito. Fala dos seus bolsos meio vazios várias vezes, como justificativa para o devir educadora em que se enfiou, um tanto confusa em seus sentimentos.

"Filmar a palavra é filmar a sociabilidade", define Sangsoo. "É deixar que as pessoas se revelem sem performances, apenas deixando as palavras soltas. Escrever essas conversas exige de mim apenas uma adequação do que é dito ao perfil e à essência de quem o diz. É uma questão de construção de personagem. Os personagens são a partir do que dizem. Dizer é ação".

Eslipa, a Escola Livre de Palhaços, lança nova turma

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“Vai, vai, vai começar a brincadeira / Tem charanga tocando a noite inteira / Vem, vem, vem ver o circo de verdade / Tem, tem, tem picadeiro de qualidade”. Picadeiro, circo, malabares, trapézio, mágico, mas o melhor são os palhaços.

Palhaços, assim eram chamados na Idade Média porque suas vestes eram feitas de palha. Esse personagem está, de várias formas, em diferentes manifestações, em todas as culturas. Seu arquétipo nos remete a algo ancestral: o tipo que mistura ingenuidade e, contraditoriamente, esperteza, para representar a incapacidade humana de não acertar mesmo tentando fazer o que considera certo. E são seus erros, porque o resultado é tosco, que nos levam a rir.

O palhaço é um livre atirador, uma interpretação que pode nas ruas, em desfiles ou festas, sem a pretensão de uma formalidade cênica em locais como palco ou picadeiro. Os gestos, os figurinos, a maquiagem são pensadas no exagero como formar de deixar claro a contradição de um ser atrapalhado, confuso, mas que é capaz de provocar a mais importante das emoções, o riso, a gargalhada.

Ricardo Riguetti tem mais de 44 anos dedicados à arte do teatro circense e da poética do palhaço. Da sua vasta trajetória, 35 anos são dedicados ao Grupo Off-Sina e 11 à Escola Livre de Palhaço (Eslipa), organização com tradição de excelência no expansão da arte da palhaçaria. Além das aulas de palhaçada e brincadeira, a Eslipa oferece oficinas integradas e complementa-



O Palhaço Biribinha apresenta seu espetáculo 'Magia' de graça no Largo do Machado

Corre que o circo vem aí

res de música, magia cômica, mímica, quedas e cascatas, história do circo, corpo afetivo, contato e improvisação, manipulação de objetos, gestão cultural, projetos, palavra em verso, dramaturgia, filosofia e teatro. No fim de cada módulo, há apresentação de dois espetáculos gratuitos.

A Eslipa inicia as atividades de sua turma de 2024 com seminário e aulas. A conclusão do primeiro módulo será neste sábado e domingo (2 e 3), às 17h, com apresentações de espetáculos gratuitos no Largo do Machado. No sábado, será exibido o solo

“Magia”, estrelado pelo palhaço Biribinha, mestre desta primeira etapa, e seus alunos.

No domingo, alunos e ex-alunos da escola de formação de palhaços e palhaças apresentam “Porque te amo!”, dirigido por Ricardo Riguetti, com vários desdobramentos sobre o amor, incluindo uma homenagem póstuma à Julieta Hernández, a palhaça Miss Jujuba, ex-aluna da Eslipa. O curso reúne 30 palhaços de todo o Brasil e da América Latina, e os eventos celebram o retorno da ocupação da sede pública da Eslipa e do Grupo Ofici-

na, o Largo do Machado.

O alagoano Teófanis Silveira, o Palhaço Biribinha, vai apresentar “Magia”, cenas de seu primeiro espetáculo solo de palhaço, criado em 2016, quando completou 60 anos de carreira. Com dramaturgia de Geovane Mascarenhas e direção de João Lima, a peça apresenta um personagem que tem que encarar situações e momentos em que a vida pode estar um pouco “sem cor”, mas com ajuda do público conseguirá a “Magia” necessária para transformar essas adversidades em grandes oportunidades e realizações.

O espetáculo, que une circo e teatro, inspira-se em Chaplin, e em sua visão da vida, de que é preciso procurar transformar a dor em alegria. Essa ideia norteará a trama de forma alegre, mas também veremos momentos em que o público e o artista são desafiados a superar as adversidades. “É uma alegria oferecer ao público uma oportunidade de ser parte do espetáculo junto comigo”, adianta Biribinha.

SERVIÇO

MAGIA - PALHAÇO BIRIBINHA E ALUNOS

Largo do Machado
2/3, às 17h
Grátis

PORQUE TE AMO - RICHARD RIQUETTI, ALUNOS E EX-ALUNOS DA ESLIPA

Largo do Machado
3/3, às 17h
Grátis

'Todas as leituras que fiz estão por trás do que escrevo'

Autora de literatura que nasceu nos intervalos da escrita de suas teses académicas, sempre exigindo muita leitura e comparações de pontos de vista antes de ganhar forma na tela do computador, assim é o processo da piauiense Veronica Botelho, cidadã do mundo e mãe de meninas de 2, 11 e 14 anos, que lança o romance "Verão" nesta sexta-feira (1º), na Janela Livraria.

Veronica cursou Psicologia na Itália e, no momento, faz mestrado em Neurociência da Saúde Mental em Londres, além de vir se especializando em neurociência cultural. A literatura entrou na vida da autora pela porta do divertimento. "Sempre quis escrever ficção, mas achava impossível. Então, continuei produzindo textos académicos. De vez em quando, o meu companheiro falava que eu deveria investir na ficção para relaxar um pouco. Até que resolvi tentar", conta Veronica nesta conversa com o Correio.

De onde veio a inspiração para "Verão"?

Veronica Botelho - A curiosidade de saber se eu conseguiria, somada com a necessidade que sentia de levar temas como saúde mental, transtornos, diferenças culturais e imigração para um público além do académico. Com esses dois motores e vários livros começados, escrevi para uma amiga que acabara de

publicar o seu primeiro livro de literatura erótica e ela me passou o contato de Sandra e Tiago, editores da e-galáxia. Sandra escolheu um dos quatro trechos que enviei e o transformei no livro. A inspiração foi nascendo na medida em que eu escrevia. Foi um processo muito louco. Fazia tempo que estudava sobre o processo de escrita ficcional, que participava de laboratórios de escrita, mas nunca tinha imaginado como seria o dia que eu decidisse escrever um romance.

O que tem da sua vida nele?

O movimento - esse transitar por diferentes contextos, espaços e tempos que marca todas as personagens. Os lugares por onde a protagonista passa são alguns dos que morei e adorei levar os leitores por eles. Assim como Rebecca, também fiquei órfã de pai na infância, quando estava com quase sete anos. Durante a minha vida conheci várias pessoas que cresceram sem um dos progenitores e percebemos algumas coisas em comum: aprender desde cedo que hoje estamos e que podemos não mais estar um segundo depois. É um acontecimento que nos muda para sempre.

"Verão" se passa entre Itália, Catalunha e Brasil - lugares por onde você também circula.

Nunca li um livro no qual a protagonista fosse italo-brasileira ou afro-italiana, apesar de os imi-



Divulgação

grantes italianos representarem uma parte importante da nossa cultura, sobretudo em São Paulo. A Catalunha, porque é um lugar que aprendi a respeitar como um país. Aprendi a apreciar a sua cultura, assim como fui bem recebida com a minha. Foi lá que aprendi a diferença entre integração e interação, onde me senti vista. É minha maneira de expressar gratidão! Com a minha escrita, quero apresentar novas perspectivas. O Brasil funciona como um elo entre a protagonista e esses lugares. Consegui homenagear três países que fazem parte de mim!

Na orelha de "Verão" está escrito que ele é o primeiro da série não sequencial "As estações".

Comecei a escrever vários livros e me sentia bloqueada para seguir porque nunca queria mostrar apenas uma perspectiva da

história. A vontade era escrever um livro com pontos de vista de diferentes personagens e uma narração que fosse descentralizada. No meu primeiro livro, "Meias Verdades", consegui escrever um conto que seguia esse impulso. E nada melhor do que as estações para representar essa ideia, cada uma protagonizada por uma personagem feminina, trazendo a perspectiva de diferentes gerações e contextos.

Você é uma leitora voraz? Quais autores influenciam a tua escrita?

Só comecei a ler como escritora há pouco tempo. Antes sempre lia movida pela curiosidade, pelo prazer de descobrir novos mundos. Transitava pelos corredores das livrarias com o coração aberto para encontrar títulos que me interessassem. Em 2005, descobri

Chimamanda em espanhol, antes que ela ficasse famosa no mundo todo. Toni Morrison li em catalão, porque ganhei de presente de Joana, amiga e sogra da minha irmã. Também li "La Reina del Sur" em 2002, bem antes que virasse série de TV. Descobri os livros de Luis Fernando Verissimo e Clarice Lispector aos 12 anos, durante as minhas viagens. Hoje eu sinto que sou boa pescadora de livros. Sem dúvida todas as leituras que fiz estão por trás de como escrevo, de como sou.

Em qual idioma você prefere escrever?

Boa pergunta porque depende. Já percebi que tendo a escrever na língua do lugar onde estou, ou de onde aconteceu o que quero escrever, ou de com quem eu estava. Mesmo assim, notei algumas preferências: escrevo textos académicos em inglês e poesia em italiano e catalão. Escrevo pouco em espanhol, mas tenho alguma poesia e algumas reflexões de quando voltei a Buenos Aires, depois de 20 anos. Nesse momento estou escrevendo ficção em português, mas comecei escrevendo contos em italiano. Minha editora fala que escrevo melhor em italiano. Meu companheiro - ele sim, leitor voraz - acha que é a língua na qual amadureci. Eu se tivesse que escolher uma única, seria o italiano. A língua na qual renasci algumas vezes. É na qual mais escrevi, pois aconselho e pratico, a autonarração. Gostaria de ser mais disciplinada e escrever todos os dias, porém tento escrever sempre que acontece alguma coisa que eu gostaria de lembrar no futuro, emoções intensas, acontecimentos, agradecimentos. É uma prática que pode servir como prevenção de traumas, além de nos fazer reviver boas lembranças!

Por que escrever?

Para ensinar, para aprender, para contar aquela história que só a gente pode contar. Para dar esperança, construir lembranças. Para viver!

DOR DE COLUNA NA POLÍTICA DO RIO, NÃO É NA VERTEBRAL. É CEREBRAL.



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

A leitura obrigatória
pra quem quer saber primeiro.

Coluna Magnavita

Todos os dias no Correio da Manhã.

Doa a quem doer.

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito

correiodamanha.com.br @correiodamanha